

Mano Eloy e a Deixa Malhar

Escolas de samba, associativismo e resistência negra organizada no pós-abolição

Mano Eloy and Deixa Malhar: Samba schools, associativism and black resistance organized in the post-abolition / Mano Eloy e a Deixa Malhar: escuelas de samba, asociaciones y resistencia negra organizada en el post abolición

RESUMO

Eloy Anthero Dias, o Mano Eloy, foi um pioneiro do samba e das escolas de samba no Rio de Janeiro. O estudo de episódios da sua relação com as agremiações carnavalescas é um caminho para a ampliação e a compreensão das multiplicidades das experiências negras no agenciamento de suas contingências cotidianas, diante do panorama social que se descortinou, no pós-abolição.

Palavras-chave: carnaval; escolas de samba; agências negras; associativismo negro.

ABSTRACT

Eloy Anthero Dias, Mano Eloy, was a pioneer of samba and samba schools in Rio de Janeiro. The study of episodes of his relationship with carnival associations, is a way to expand and understand the multiplicities of black experiences in the agency of their daily contingencies, in view of the social panorama that has been revealed, in the post-abolition.

Keywords: carnival; samba schools; black agencies; black associativism.

RESUMEN

Eloy Anthero Dias, Mano Eloy, fue pionero de las escuelas de samba y del samba en Río de Janeiro. El estudio de episodios de su relación con los grupos de carnaval es una forma de expandir y comprender la multiplicidad de experiencias negras de agencia en el manejo de sus contingencias diarias, frente al panorama social que se reveló en la post-abolición.

Palabras clave: carnaval; escuelas de samba; agencias negras; asociaciones negras.

Alessandra Tavares

Doutora em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora do Curso de Pós-Graduação em História e Cultura Africana(s) e Afro-brasileira (s) do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN) em parceria com a Universidade Santa Úrsula, Brasil
alletavares@msn.com

A escola de samba “tira o negro do local da informalidade”¹

A vida pública de Eloy Anthero Dias, conhecido como Mano Eloy, esteve profundamente ligada às ações para desenvolvimento do carnaval no Rio de Janeiro (Barbosa, 2018). Sua identidade como sambista e dirigente de associações carnavalescas ganhou força com as escolas de samba, sendo mencionado inclusive como fundador ou incentivador de agremiações pioneiras do carnaval carioca. Em ocasião de sua morte, em 1971, o *Jornal do Brasil* publicou uma homenagem, na qual destaca diferentes faces da identidade desse homem negro, ao longo de sua trajetória.

Ontem à tarde, de Madureira a Inhaúma, o subúrbio assistiu a um desfile de sambistas tristes, todos de cabeça baixa, muitos chorando. Levavam o velho Mano Elói para ser enterrado. Sobre o caixão, a bandeira do Império Serrano, a última escola que ele fundou. Depois da Vizinha Faladeira, da Deixa Malhar, do Papagaio Falador, Balaiada e do Prazer da Serrinha, que já não existem. [...] Terreiro de escola e de macumba. Mano Elói foi o primeiro cantor a gravar músicas de umbanda com aquela voz profunda que o consolara de jamais ter sido compositor, “na minha época não era qualquer um que podia fazer sua musiquinha”. Estivador aposentado, gostava de contar, com orgulho, que havia fundado o Sindicato da Estiva e dos Arrumadores, chegando a ser presidente.² Dirigia a União Geral das Escolas de Samba, a Federação Brasileira das Escolas de Samba e o próprio Império Serrano, foi Cidadão do Samba do carnaval carioca, um dos primeiros a ter o título. Sambista respeitado em qualquer roda, era querido em qualquer lugar. Todos os anos, no domingo de carnaval, o bloco de sujos do Império sai pelas ruas de Madureira. Da última vez, eles pararam na casinha do velho para uma homenagem. Enrolado na bandeira, ele chorou de um jeito que ninguém nunca tinha visto. Ele estava se despedindo e a gente não sabia. (*Jornal do Brasil*, 1971, p. 7)

Na homenagem, percebem-se os diferentes espaços de influência pelos quais Mano Eloy transitou, marcando sua trajetória. No entanto, será privilegiada neste artigo sua relação com as escolas de samba no Rio de Janeiro.

1 Percepção atribuída a Mano Eloy por Rubem Confete, como veremos mais à frente.

2 Mano Eloy foi presidente da Sociedade dos Trabalhadores em Trapiche e Café, conhecida como o Sindicato da Resistência dos Homens Pretos, fundada em 1905. Para mais detalhes, ver: Galvão (1994).

O que posso assinalar, diante de indícios de sua vultosa participação nas escolas de samba, é que talvez fazer parte, com cargos ou não, das agremiações o caracterize como agente colaborador, ainda que não haja comprovação documental. Sabemos, no entanto, que esteve diretamente ligado às movimentações que levaram à fundação das escolas de samba Vai Como Pode, Deixa Malhar, Prazer da Serrinha e do Império Serrano. Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, Mano Eloy indica as nuances dessa questão:

Mano Elói

— Estou doente, mas não deixei de ser carnavalesco. Em 1920 comecei a participar dos ensaios da Portela, que ainda era um bloco. Depois passei para a escola de samba Deixa Malhar. Em 1936 fui para o Império Serrano, onde fiquei como presidente de 1947 até 1950, quando fomos tetracampeões.

Durante todos esses anos, fosse como membro ou como presidente, nunca deixei de sambar, pois isso foi a minha vida. A única coisa que nunca fiz foi compor, porque na minha época não era qualquer um que podia fazer musiquinha. [...]

Digo isso porque desde que entrei na Vai Como Pode (a atual Portela), que tudo era feito com muita seriedade e a mesma coisa acontecia na Balaiada e Prazer da Serrinha (que depois se uniram e formaram a Império Serrano). (*Jornal do Brasil*, 20/2/1971, p. 2)

Não identifiquei a presença de Mano Eloy na documentação que se refere à fundação das escolas de samba, porém temos, nos depoimentos de seus contemporâneos, caminhos que indicam que sua presença se deu de maneira diferenciada. Como carnavalesco, segundo ele mesmo dizia, como membro fundador ou como integrante da diretoria, ele foi, de maneira direta ou indireta, figura presente nas movimentações que levaram à fundação das escolas de samba e associações que as organizariam, como a União das Escolas de Samba (UES), a União Geral das Escolas de Samba (Uges) e a Federação das Escolas de Samba (FES) (Cabral, 1996). Ao se referir à ação de Mano Eloy e sua relação com as escolas de samba, o jornalista e radialista Rubem Confete afirma:³

ele [Mano Eloy] foi o grande pai da produção de escola de samba do Rio de Janeiro. Ele pensava certo. Ele achava que samba dava sociabilidade e também

³ Entrevista produzida pelo Labhoi/UFF (em tratamento), gentilmente cedida por Martha Abreu.

tirava o negro do local da informalidade. O camarada tinha direito de ir à delegacia e dizer assim “olha, eu tenho uma escola de samba no lugar tal”. Aí a polícia não ia mais lá, deixava ele sossegado, tinha um registro. Era assim que funcionava. (Confete, 2014)

A solicitação de registro das associações dançantes na polícia era um movimento que “tirava o negro do local da informalidade”. Assim, de acordo com a percepção do jornalista sobre a ação de Mano Eloy, a informalidade do negro poderia ser transposta por meio de suas práticas culturais. Para Sérgio Cabral (1996), o trabalho de Mano Eloy no mundo do samba foi fundamental para a concepção de “negritude carioca”. O fato de ter um registro para suas práticas culturais era um caminho de autorrepresentação que transpunha as atividades para o carnaval, porque lhe conferia, sobretudo, sociabilidade.

Além disso, as escolas de samba “tiravam o negro do local da informalidade”, ou seja, eram um espaço no qual ele podia se colocar como agente social. A informalidade, palavra escolhida por Confete para explicar o objetivo das ações de Mano Eloy, indica nuances de sua percepção sobre a exclusão dos negros na sociedade e as vertentes pelas quais as escolas de samba podiam ser compreendidas. Diante da exclusão social da população negra no pós-abolição, fazer parte de um grupo, de uma associação, era uma forma de positivação de sua imagem perante a sociedade. Aquele que era informal estaria apartado daquilo que era considerado legal, positivo na sociedade. Portanto, pertencer a uma associação consistia em uma estratégia para se contrapor aos estereótipos que viam o negro como incapaz de se organizar, familiar e socialmente – no caso das associações negras, seria também uma forma de resistência ao racismo (Furtado, 2000; Ianni, 1966).

Nesse sentido, é possível observar que as escolas de samba eram formas associativas que reuniam ações coletivas, a fim de demandar sua inserção política às autoridades. Desta forma, podemos considerá-las associações negras que desempenhavam um papel empoderador dessa população no pós-abolição. Tais escolas assumiam, assim, a função de agentes de suas contingências e espaços de reivindicação, fossem de direitos civis, sociais ou políticos, para o grupo de pessoas ligadas a elas. E mesmo que não se identificassem como associações de negros, a predominância deles em seus quadros, verificada em registros fotográficos e nas expressões que a imprensa utilizava para identificar seus integrantes, leva à compreensão das escolas de samba nos quadros do associativismo negro.

Diferentes estratégias foram utilizadas pelas pessoas negras para sua inserção social no período pós-abolição, no entanto, nem sempre os sujeitos construía discursos sobre si ou sobre seus grupos de forma racializada. Isto não quer dizer que aproximações, negociações e agenciamentos feitos pelas pessoas negras não envolvessem a perspectiva da cor. É importante considerar que nas experiências negras no pós-abolição, o silenciamento da cor pode ter sido uma estratégia diante da exclusão caracterizada pelo racismo (Mattos, 1995).

Embora o contexto aqui abordado compreenda panoramas mais amplos, com cenários políticos diferentes, uma vez que estamos tratando de associações que se fizeram presentes no final da década de 1920 e se consolidaram nas décadas de 1930 e 1940, entendemos que os discursos sobre raça foram alçados de diferentes formas, perpassados pelo “silêncio da cor”, pela mestiçagem em um contexto de consolidação do “mito de democracia racial” e pelo crescimento dos movimentos negros organizados. O caráter reivindicatório das agremiações estava alinhado com expectativas de cidadania que foram forjadas pelos cotidianos negros experimentados pelos indivíduos (Botelho; Schwarcz, 2012). Como assinalado por Wlamyra Albuquerque, tais movimentos fazem parte de “elaborações identitárias, arranjos socioculturais, e, principalmente, noções de raça” experimentadas pela população negra no pós-abolição (Albuquerque, 2009, p. 184).

Em direção à negociação de espaço social, o silenciamento da cor para o agenciamento das demandas de pessoas negras pode ter sido um caminho consciente que determinados grupos produziram nos anos seguintes, após a assinatura da lei de abolição da escravatura, e que persistiu como estratégia posterior, uma vez que o racismo continuou e continua promovendo a exclusão social pela cor da pele. Essa própria lógica de exclusão, já é um motivo para os grupos formados por pessoas negras não construírem discursos ressaltando esta característica de seus integrantes, mas aquilo que se colocaria como “positivo” naquela sociedade.

Com base em análises de processos criminais de homens e mulheres, nos anos após 1888, Flávio Gomes chama atenção para o uso da cor como marca “indelével”, que reforçava associações à criminalidade. Atribuía-se um suposto perfil, herança da escravidão, que conferia atributos negativos, ditos científicos, que justificavam a perseguição e a exclusão da população negra, uma vez que, com a assinatura da lei, “eliminava-se o escravo, mas inventava-se o negro/preto como uma marca social negativa. Libertava-se o trabalhador e instituía-se legalmente a ideia de ‘vadiagem’ para controlá-lo” (Araújo; Gomes, 2011).

Tendo em vista esse panorama de perseguição e exclusão, as relações forjadas pela população liberta e seus descendentes se apresentavam de maneira multifacetada e permeada de expectativas de ordem materiais, civis, políticas e sociais que não chegavam a eles por via de serviços públicos, ou seja, por meio dos tão esperados direitos garantidos aos cidadãos. Assim, muitos indivíduos e grupos constituíram estratégias para fugirem das perseguições e reivindicarem sua inserção social. Compuseram e/ou ressignificaram diferentes formas de associações, ligadas ao trabalho, à religiosidade e aos lazeres, que apresentavam predominância de pessoas negras e estratégias conscientes para sua promoção e seu desenvolvimento, em diferentes setores sociais.

Compreendidas como base de construção para argumentos de negociação, as formas de associativismo desenvolvidas pelos negros no pós-abolição foram mecanismos essenciais dos discursos que definiam pautas de barganha (Castelucci, 2008). Contudo, as formas de organização das associações negras no Brasil foram, durante muito tempo, consideradas a partir da leitura de duas teorias básicas: da “linha de cor”, de Arthur Ramos (1971), ou da “tipologia” de Costa Pinto (1998).

Arthur Ramos, em *O negro na civilização brasileira* (1971), apresenta um quadro da relação do negro com suas reivindicações, baseado na ideia da existência do desequilíbrio quantitativo demográfico de negros e brancos como fator para o desenvolvimento associativo. Para o autor, existiria, em determinadas regiões – como São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, por apresentarem predominância de população branca –, maior opressão sobre a população minoritária negra, que chamou de “minoridade oprimida”. A princípio, haveria formas associativas negras nestes locais, mas, nas regiões do Nordeste e em algumas do Sudeste, como Rio de Janeiro e Espírito Santo, os negros teriam sido assimilados, pois como não havia desequilíbrio entre negros e brancos, e, muitas vezes, a população de brancos era maior, não haveria opressão. Diante desse quadro, Ramos justificou a presença de associações de cor nas primeiras regiões, em detrimento das segundas, como necessidades impostas pela relação de exclusão dos direitos de cidadania no pós-abolição.

Costa Pinto, em sua obra *O negro no Rio de Janeiro* (1998), contrapõe-se a Arthur Ramos ao identificar tipos de associativismo de negros no Rio de Janeiro. Ressalta-se que o autor defende uma tipologia que diferencia a natureza das reivindicações dessas associações como “tradicionais” e de “novo tipo”. Segundo Ramos, situadas entre o fim do abolicionismo e a terceira década do século XX, as associações do tipo tradicional estavam voltadas para o aspecto religioso ou recreativo: eram os ranchos,

as escolas de samba, as congadas e as capoeiras Angola. Já as associações de novo tipo teriam se desenvolvido ligadas às transformações sociais pós-1930 e assumido caráter reivindicatório – o papel de “grupos de pressão”.

A compreensão das escolas de samba como formas de associativismo negro está alinhada com a perspectiva de Petrônio Domingues (2014), que, ao contestar Ramos e Costa Pinto, propõe a problematização das teorias de ambos. O autor revela que, para o Rio de Janeiro, por exemplo, a “linha de cor” e as tipologias de Costa Pinto não explicam a existência de distintos agrupamentos com seus projetos, chamando atenção para a complexidade das associações, bem como para o caráter heterogêneo de sua formação e reivindicações.

Em comum, esses distintos agrupamentos construíram projetos por meio dos quais as pessoas se sentiam parte de um mesmo grupo e se identificavam mutuamente, forjavam solidariedades fluidas e contingenciais, (re)inventaram tradições que alimentavam suas práticas sociais, estabeleceram diálogos entre si e com as agências do Estado e da sociedade civil, enfrentaram contradições em diferentes circunstâncias históricas sem, contudo, deixarem de proclamar os interesses sociopolíticos e direitos civis dos “homens de cor” na esfera pública. (Domingues, 2014, p. 271)

A inserção das escolas de samba se deu, pois, de maneira lenta e em decorrência das agências dos grupos predominantemente formados por negros pobres, com maioria de moradores dos morros do Rio de Janeiro, que viram nelas um caminho de inclusão cultural e política na sociedade. Como veremos mais à frente, posicionar-se positivamente era um meio de construção de identidade que, neste caso, estava associado à defesa de um modelo de carnaval organizado e que pudesse gerar legitimação e abertura para diálogo com diferentes instâncias sociais.

Escolas de samba como promotoras de ações sociais

Uma das dificuldades para estudar o processo que deu início às escolas de samba é o fato de, por diferentes motivos, elas terem sido extintas e/ou não terem mantido os documentos de fundação. Os periódicos, então, são um caminho para o estudo, por exercerem papel de grande relevância na divulgação das práticas carnavalescas da cidade. Desta forma, será por intermédio dessas publicações que analisarei a ação de Mano Eloy com as escolas de samba.

A Deixa Malhar foi a primeira delas na qual Mano Eloy aparece efetivamente exercendo papel de liderança. Segundo entrevista concedida ao *Jornal do Brasil* por Mano Eloy, a agremiação localizada na Chácara do Vintém, na região da Tijuca, teria sido fundada em 1934 (Silva, 2014, p. 29). No entanto, acredito que houve algum equívoco, pois a Deixa Malhar foi citada em uma pequena nota, em dezembro de 1933, no jornal *O Paiz*. O periódico em questão estaria organizando as comemorações para o dia de São Sebastião, no entanto, destaca que a “reunião [fora] solicitada pelo dr. Flávio Paula Costa, presidente do Deixa Malhar, da Chácara do Vintém, e representante do Verde e Amarelo, no morro do Salgueiro” (*O Paiz*, 16/12/1933). Um ano antes da data recordada pela memória de Mano Eloy para a fundação da Deixa Malhar, esta escola de samba já aparecia em lugar de destaque nas notícias sobre as organizações para o carnaval.

No dia 20 de dezembro de 1933, dia seguinte à reunião convocada pelo presidente da Deixa Malhar, houve a divulgação que seria “ativada a propaganda para a fundação de uma entidade que [reuniria] todas as escolas de samba” (*O Paiz*, 20/12/1933). A intenção era fundar uma instituição com membros das escolas de samba voltada para a organização das agremiações e seus desfiles. Possivelmente, foram as primeiras movimentações em direção à fundação da União das Escolas de Samba (UES), datada do ano seguinte, 1934.

Se não bastasse a Deixa Malhar figurar como uma das escolas de samba envolvidas na fundação da UES, para questionarmos a veracidade de sua datação, ela foi mencionada novamente naquela mesma publicação do jornal *O Paiz*. Dessa vez, a agremiação estava envolvida nos eventos que antecipavam o carnaval, ao convocar os foliões para seu “grito de carnaval”, com uma “passeata” que visitaria sociedades tradicionais, inclusive o Rancho Recreio das Flores, agremiação ligada à Sociedade de Resistência. Na nota de divulgação do evento, podemos identificar o caráter fluido em que, na prática, as associações carnavalescas se relacionavam. Homenagens, por meio de visitas às sedes de outras agremiações ou aos jornais, eram demonstrações da importância dada às relações entre agrupamentos mais jovens e os mais antigos, como uma forma de referendar e divulgar as suas existências. Era uma prática que salienta como as agremiações não se colocavam de maneira estanque das demais, compondo um diálogo que era praticado com a promoção de diferentes eventos ao longo do ano.

Quando Mano Eloy e alguns pesquisadores sobre carnaval se referem às escolas de samba, em seus primórdios, como blocos, geram a ideia de que houve um processo em que os antigos blocos se transformaram nas escolas de samba. Essa perspectiva analisa a questão como uma espécie

de evolução do bloco, como manifestação ainda não tão definida no cenário do carnaval, e as escolas de samba como projetos finais dessa evolução (Morais, 1958). Contudo, entendendo as indicações de Mano Eloy, ao se utilizar de diferentes nomenclaturas para identificar as escolas de samba, como representação das múltiplas formas de brincar o carnaval carioca, ainda na década de 1930. Talvez uma questão de identificação que gerasse terminologias, nem sempre compreendidas pelos periódicos, mas que, em certa medida, indicam como as escolas de samba, bem como outras associações voltadas para o carnaval, ainda estariam em um processo de consolidação de suas identidades públicas (Cunha, 2001). Isso, contudo, não sugere que tais escolas não tivessem conquistado atenção e espaço de divulgação.

Houve um processo de agregação de símbolos e práticas que caracterizaram certo modelo, que viria a ser identificado como escola de samba, o que, por sinal, acontece até hoje. Porém, é preciso considerar que nem todos os blocos se tornaram escolas de samba (Cabral, 1996).

Nota-se que, ainda em 1934, quando já havia desfiles oficiais de escolas de samba, ano, inclusive, da fundação da União Geral das Escolas de Samba, instituição que organizaria as associações, elas ainda eram identificadas como blocos. Em matéria sobre o carnaval de 1934, o jornal *Diário da Noite*, antes de divulgar os principais eventos daquele ano, explica o que seriam as escolas de samba.

Para quantos não sabem o que são as “escolas de samba”, cabe aqui um detalhe explicativo. A prefeitura e a polícia não concedem licença para fazer carnaval externo se não aos clubes, ranchos e blocos. As escolas de samba tiram as suas licenças como se fossem blocos, mas têm personalidade muito distintas e características particularmente distintas.

São escolas de samba todos os conjuntos dos morros, como por exemplo, o aplaudido “Deixa Malhar”, do Salgueiro; o “Unidos da Tijuca”; o “Paulo da Portela”; o “Mangueira”; o “Serrinha” etc. (*Diário da Noite*, 2/3/1934)

Para identificar o tipo de agremiação, o cronista do periódico destaca, como característica principal, a região de onde provinha, uma vez que, para ele, as escolas de samba eram “todos os conjuntos dos morros”, indicando a percepção de certa geografia característica do movimento de formação das associações.⁴ A questão da identificação aparece nova-

4 Cabe destacar, no entanto, que havia escolas de samba que não foram fundadas em morros, como, por exemplo, a Vai como Pode, a Unidos de Osvaldo Cruz e outras.

mente no *Jornal do Brasil*, na divulgação de um evento organizado pela agremiação.

B. C. Familiar Deixa Malhar:

O “GRUDE” DANÇANTE NO PRÓXIMO DOMINGO

No próximo domingo, B. C. Familiar “Deixa Malhar”, conhecida “escola de samba” da “Chácara do Vintém”, realiza uma grande festa nos salões do clube Fenianos, da Praça da Bandeira, sito à rua Cristovão, 210.

A festa terá início às 14 horas e terminará às 2 horas.

Às 18 horas será suspensa a festa para o “grude”, que constará de um valente “rabo de boi com agrião”. (*Jornal do Brasil*, 17/5/1934 apud Silva, 2014, p. 30)

A Deixa Malhar, em nota de divulgação de seu “grude dançante”, em 1934, figurava como “Bloco Carnavalesco Familiar Deixa Malhar” e, mais à frente, como “escola de samba”, localizada na Chácara do Vintém, que ofereceria o baile na sede do conhecido Clube dos Fenianos, na Praça da Bandeira. O fato demonstra como a nomenclatura podia variar na identificação de uma mesma forma de organização. Identificada como bloco ou como escola de samba, chama atenção que a associação da Chácara do Vintém estivesse desenvolvendo movimentos de aproximação com outras organizações e grupos de diferentes pontos da cidade. Segundo o jornalista e radialista Rubem Confete, a Deixa Malhar era uma gafieira, salientando que o mesmo espaço podia abrigar diferentes formas de lazeres e sociabilidades (Confete, 2016).

Outra questão suscitada pela divulgação do evento supracitado é o destaque para o caráter familiar do bloco carnavalesco Deixa Malhar, remontando as estratégias empregadas pelas sociedades dançantes da Primeira República para a sua legitimação, bem como a de seus frequentadores. As escolas de samba eram espaços de reconhecimento, reivindicação de lugar social e, como Confete afirmou, “lugares de sociabilidades”. Diferentes eventos eram promovidos, como visitas a espaços de outras sociedades dançantes, bailes, passeios e passeatas. Desta forma, havia a ampliação das redes de sociabilidades para fora do espaço da própria agremiação.

Um dos eventos do calendário do Rio de Janeiro que figuravam na agenda das associações era o dia de São Sebastião, padroeiro da cidade. Este era o momento de promoção de lazer das escolas de samba e seus membros. Com liderança de Mano Eloy, em 1941, encontramos uma nota que mostra a programação para homenagear o padroeiro da cidade, organizada pela escola de samba Deixa Malhar (Figura 1).

ESCOLA DE SAMBA DEIXA MALHAR AS GRANDES FESTAS DE AMANHÃ EM HOMENAGEM A SÃO SEBASTIÃO

Na Escola de Samba Deixa Malhar, onde o folião Eloy Anthero Dias é comandante-chefe, as coisas amanhã estarão de alto lá com charuto! Trata-se de render homenagens a São Sebastião, o milagroso padroeiro da cidade.

O programa organizado para amanhã, na Escola de Samba mais querida dos cariocas, é o seguinte: Missa, às 9.30 horas na igreja de N. S. do Loreto, em Jacarépaguá, em devoção ao

Santo Martyr. Depois passeio ao Recreio dos Bandeirantes e volta à Tijuca.

Às 14 horas, de regresso à sede, na rua Delgado de Carvalho n. 97, será servida a mais fantástica fajeada completa dos últimos tempos! E, para fazer a digestão, como chave de ouro, seguir-se-á uma tarde dançante até às 19 horas.

Será esse o dia de São Sebastião na "Deixa Malhar".

Figura 1 – Programação de homenagens a São Sebastião.

Fonte: *O Imparcial*, 19 jan. 1941, p. 12

A adoção de certo repertório discursivo de apresentação para destacar o caráter organizado das escolas de samba no momento de encontros externos agregava-se à adoção do simbólico, que era acionado pela imagem, com a valorização de regras de comportamento e vestimentas.

As fotografias dos eventos são formas de identificarmos o repertório simbólico dos quais os grupos lançavam mão na construção dos discursos de autorrepresentação. Posar para foto pode ser compreendido como um ato político, um ato de divulgação da imagem que se quer associada aos grupos em questão. Pode-se observar o cuidado que as escolas de samba despendiam nessa direção, ao analisarmos as imagens em que os membros das agremiações eram retratados nos jornais da época. No já mencionado evento em homenagem a São Sebastião, há uma imagem dos integrantes da Deixa Malhar, publicada no jornal *O Imparcial* em 21 de janeiro de 1941, que sugere a adoção de certa performance discursiva.⁵

A imagem, acompanhada do título "Animadíssima a festa da escola de samba Deixa Malhar", apresenta os membros da agremiação após um passeio de barco. Na composição de pessoas aparecem: mulheres, crianças e homens negros, possivelmente membros das mesmas famílias, talvez como estratégia, para serem identificados como grupo familiar (Brasil, 2016). As mulheres e as crianças estão posicionadas à frente da

⁵ A imagem citada também foi utilizada por Somani da Silva, ao dedicar pesquisa à escola de samba Deixa Malhar. Ver: Silva (2016).

foto em espaço de destaque. A expressão corporal também é uma característica performática que indica seriedade, todos com seus corpos cobertos, bem vestidos e em postura de discrição. Mesmo que a associação da qual façam parte esteja ligada ao lazer, não vemos sorrisos ou poses mais relaxadas – o que parece ser uma estratégia para gerar a ideia de distinção e seriedade para o grupo (Pereira, 2015). Este era um possível repertório performático adotado para legitimar o grupo e o espaço, associando-o à elegância de suas posturas e à composição familiar (Brasil, 2016).

Além das sociabilidades forjadas pelos eventos de lazer, havia projetos de desenvolvimento material para a comunidade na qual a escola de samba mantinha sua sede. A causa social, que sempre esteve em pauta, era assumida na busca de parceiros para a realização de seus projetos assistenciais e de outras formas de lazer. As agremiações, em suas ações, se colocavam de maneira direta como agentes promotores do desenvolvimento local.

No período em que esteve na Deixa Malhar, Mano Eloy envolveu-se em algumas ações junto à União Geral das Escolas de Samba (Uges),⁶ que almejavam a promoção de atividades para a comunidade. Em 1941, em uma iniciativa que partiu da Uges, participou do Programa da Juventude Brasileira, que teve apoio do governo e tinha como objetivo fazer das escolas de samba lugares de desenvolvimento de esportes e escotismo para a juventude.⁷ O lançamento do projeto aconteceu em uma reunião entre os membros das escolas de samba na quadra da Deixa Malhar. Mano Eloy, nessa época, era presidente da agremiação e da Uges. O jornal *O Imparcial* enviou sua equipe à sede da Deixa Malhar para averiguar as notícias sobre o projeto. Ao chegar, foram recebidos por Mano Eloy, que os apresentou aos membros das outras escolas de samba presentes no evento. Na sessão “Palestra com os presidentes”, o jornal publica entrevista com o diretor da escola de samba “Não é o que Dizem”.

I — Qual a sua impressão, indagamos, do movimento que está sendo animado pelo Anthero, Flavio Costa, enfim, pelos membros da união?

D — Estou bastante animado com as inovações expostas na lei básica da união. A letra “a”, do seu art. 2, define todas as aspirações dos “unionistas”. O que empolga, todavia, é a parte relativa ao desporto e à instalação do departamento

⁶ Fundada com o nome de União das Escolas de Samba (UES), em 1935, a instituição mudou o nome, em 1939, para União Geral das Escolas de Samba.

⁷ O Programa da Juventude Brasileira foi um movimento cívico decretado em 1940 durante o Estado Novo. Ver: Juventude Brasileira (s.d.).

concernente do escotismo.

Conheço o pensamento dos meus colegas, principalmente de Anthero e Flávio, que pretendem modificar inteiramente a feição do nosso ambiente, tornando-o mais útil ao convívio social, e que eles estão animados da matéria e fomentar o escotismo entre a meninada do arraial sambista, a fim de que seja aprimorado o seu caráter e aptidões físicas.

E a iniciativa será realizada de forma monumental, porque as escolas estão propícias a cooperar com a nossa mentora.

E terminamos:

— A família do samba é verde e amarela, meu amigo! (O Imparcial, 21/3/1941)

Infelizmente, não encontrei mais notícias sobre a implementação do projeto. Porém, sua proposta partindo dos sambistas já é um indício da percepção sobre as escolas de samba como espaços para além do lazer, ou, melhor dizendo, da utilização do lazer como instrumento de resistência, reivindicação e projetos. Pelo que foi noticiado no jornal *O Imparcial*, o projeto foi proposto pela Uges, com liderança de Mano Eloy e Flávio Costa,⁸ para se criarem, nas escolas de samba, espaços sociais para a juventude, “tornando-os mais úteis ao convívio social”.

Não podemos perder de vista que o contexto político do projeto de inserção de atividades esportivas nas escolas de samba foi o do Estado Novo. Um período que teve como proposta o desenvolvimento social, por meio da cultura nacional e a promoção esportiva no Brasil. Assim, pode-se considerar que as escolas de samba estavam alinhadas com as propostas do governo, como manifestações culturais e na adoção de valorização do esporte como um caminho de desenvolvimento dos grupos ligados às agremiações.

No ano seguinte, as escolas de samba estiveram envolvidas em outra ação de desenvolvimento de projeto social, voltado para as crianças, junto ao Juizado de Menores, com a organização de um evento no campo do América Futebol Clube. A proposta era que a renda arrecadada com o evento fosse doada ao Juizado de Menores, para ser destinada aos órfãos ou a alguma obra educacional.

Podemos observar, na Figura 2,⁹ alguns membros de escolas de samba na sala do representante do Juizado de Menores, tendo Mano Eloy, com

⁸ Foi um dos presidentes da Deixa Malhar, esteve à frente da fundação União das Escolas de Samba, sendo o primeiro presidente da instituição.

⁹ Essa imagem também foi utilizada por Sormani da Silva. Ver: Silva (2014).

o seu clássico terno branco, em primeiro plano, em frente ao membro da instituição do Judiciário.



Figura 2 – Registro da visita de comissão de escolas de samba ao Juizado de Menores. Fonte: *Gazeta de Notícias*, 28 jan. 1942

O festival, que se realizaria no campo do América Futebol Clube, estava dentro das agendas que antecipariam os desfiles oficiais do carnaval. No evento, haveria a escolha da rainha do samba de 1942 e a premiação em dinheiro para as cinco primeiras escolas de samba colocadas no campeonato. A matéria feita pela *Gazeta de Notícias* sobre a visita da comissão das escolas de samba ao representante do Juizado de Menores mostra que a iniciativa de arrecadar fundos e doá-los à instituição partiu das agremiações. E que a visita em questão tinha o cunho de informar sobre a doação que fariam em um “gesto de confiança e simpatia” às ações da instituição nos morros.

Uma grande comissão das escolas de samba esteve em visita ao juiz de menores, para lhe comunicar que este ano no grande festival que se vai realizar no dia 8 de fevereiro, com um desfile das escolas, e, conseqüentemente, eleição da rainha do samba de 1942, a renda será dedicada às crianças pobres ou qualquer outro fim que o meritíssimo juiz de menores determinar.[...] O que desejam os diretores das escolas de samba é que esse seu gesto seja encarado pela confiança e simpatia que nos morros está tendo a obra patriótica do juízo de menores, amparando desde a mãe pobre, até os seus filhos, com o internato nos

estabelecimentos oficiais e particulares, além de outros recursos de assistência social. (*Gazeta de Notícias*, 28/1/1942)



Figura 3 – Integran-tes das escolas de samba visitam jornal. Fonte: *Gazeta de Notícias*, 7 mar. 1942

A ação das escolas de samba, em fazer a doação ao Juizado de Menores, se deu tanto para reconhecer o trabalho da instituição, como para chamar atenção às necessidades dos morros. Interessante é perceber que a relação feita entre as escolas de samba e os morros é constante nas matérias em geral. Nesse caso, não posso atestar se a alusão ao morro foi feita pelos membros da comissão ou pelos jornalistas que escreveram a matéria. Contudo, chama atenção o grupo social ao qual a comissão poderia estar dispensando certa preocupação quanto às efetividades das ações do Juizado de Menores. A festa foi amplamente promovida na imprensa. Na véspera do evento, um grupo de representantes das escolas de samba fez uma visita ao jornal *Gazeta de Notícias* (Figura 3).

Mano Eloy esteve presente a mais esse acontecimento, agora como representante da escola de samba Deixa Malhar. Sua presença em diferentes ações para a promoção das escolas de samba, seus eventos e projetos foram marcas do seu engajamento na construção de espaços para “tirar

o negro da informalidade”. Nas imagens da visita ao jornal, observam-se os membros das escolas de samba Deixa Malhar e Cada Ano Sai Melhor e a Ala Recreio da Mocidade. Mano Eloy aparece na imagem de cima como o segundo da direita para esquerda, com seu já conhecido terno branco.

Conforme é possível perceber, a escola de samba Deixa Malhar foi uma associação com papel representativo no pós-abolição carioca. No entanto, sua ação como promotora de sociabilidades negras neste cenário foi abreviada por um não explicado ato do Estado de fechar a agremiação em 1943. Segundo Sormani da Silva (2014), o episódio atenta para a controvérsia sobre a relação pacífica entre escolas de samba e o Estado Novo.

Fechada a escola de samba “Deixa Malhar”

Por determinação do chefe de polícia, o comissário Mario Ferreira da Silva, do 15º distrito, fechou ontem a escola de samba “Deixa Malhar”, situada na rua Delgado de Carvalho n. 97. (A Noite, 21/5/1943)

A escola foi fechada em uma ação que teve o chefe de polícia do 15º distrito como autor da determinação. A pequena nota, uma das poucas que identifiquei sobre o ocorrido com a Deixa Malhar, não aponta qualquer questão explicativa para o seu fechamento. Não encontrei protesto ou comentário a respeito feito pelos integrantes da Deixa Malhar, das demais escolas de samba ou mesmo da Uges.

Em entrevista concedida a Sormani da Silva (2014), Rubens Batista Vianna, o Rubens da Vila, compositor da Deixa Malhar, afirma que, em seus tempos de sambista de escola de samba, a censura e a repressão estavam presentes. Segundo Rubens, o motivo para o fechamento da Deixa Malhar estava no seu enredo de 1943, que tinha como temática a crítica às nações que compunham o eixo Itália, Alemanha e Japão. Sobre o desfile da Deixa Malhar daquele ano, encontramos somente uma imagem, publicada na *Gazeta de Notícias*, em 11 de fevereiro de 1943.

A nota que segue como legenda da imagem revela que o carnaval daquele ano teria sido organizado pela Liga da Defesa Nacional.¹⁰ A proposta seria ter como tema dos desfiles o patriotismo, o qual funcionaria como veículo de protesto contra o nazifascismo. Ressalte-se que o desfile da Deixa Malhar a colocou em quarto lugar naquele carnaval, tendo direito, inclusive, à premiação (A Noite, 12/3/1943).

¹⁰ A Liga de Defesa Nacional foi fundada em 1916, no Rio de Janeiro, por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon, sob a presidência de Rui Barbosa, que era favorável ao apoio brasileiro aos Aliados na Primeira Guerra Mundial (Liga, s.d.).

O depoimento de Rubens da Vila e as poucas notas sobre o fechamento da Deixa Malhar indicam, como observou Sormani da Silva (2016), que, ainda em 1943, sob ação do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, a relação entre Estado e escolas de samba não eram tão harmoniosas. É no mínimo controverso que somente a quarta colocada daquele desfile tenha sido fechada por causa da temática de seu enredo, uma vez que todas as agremiações tinham como tema a questão da guerra e o enfoque do posicionamento contra o nazifascismo. Talvez o enredo sozinho não tenha sido o motivo para o fechamento da Deixa Malhar, mas o fato, em si, sugere que possivelmente esse foi um episódio revelador das cisões na tão propalada harmonia entre as escolas de samba e o Estado.

Acredito que a relação entre as escolas de samba e o Estado Novo ocorreu muito mais dentro de movimentos de negociações e conflitos que teriam levado ao desenvolvimento e permanência de algumas agremiações no carnaval e, em outros casos, à sua descontinuação ou ao seu esquecimento.

Seguem as palavras de Sormani sobre o fechamento da escola de samba Deixa Malhar:

Desta forma a questão do “fechamento” surge como um tabu na história social do samba. Para além dos fatos, existe a questão de uma memória coletiva em construção. Assim, aspecto principal não é apenas saber por que tais agremiações se legitimaram como símbolo de nossa identidade nacional, mas como isso foi construído. Quem ficou fora do enredo? Está em tela o conflito em relação a uma perspectiva conciliadora derivada, provavelmente, de uma busca de uma memória nacional homogênea, que ascendeu no mesmo contexto de legitimação das escolas de samba. (Silva, 2016, p. 6)

Dos diversos periódicos da época, encontrei somente três relatos sobre o fechamento da escola de samba (*O Jornal*, *A Noite*, *A Manhã*), o que pode caracterizar uma espécie de silêncio ou cerceamento praticado no período, que se estendeu para a história das escolas de samba no Rio de Janeiro, não perdendo de vista que o contexto em questão era o do Estado Novo. Chama muito a atenção que, após cerca de uma década de atividades no carnaval carioca, não tenhamos encontrado outras menções ou explicações a respeito do seu fechamento. Lembrando que, em 1943, a União Geral das Escolas de Samba já existia e a Deixa Malhar teria sido uma das agremiações de liderança na criação desta associação.

Dentre os poucos relatos sobre o fechamento da Deixa Malhar, um em particular dedicou atenção a discorrer sobre suas impressões em relação às escolas de samba: foi uma nota escrita por Berilo Neves no jornal

A *Manhã*. Nela, o cronista ressalta diferentes aspectos de um pensamento que passava longe da grande aceitação, das escolas de samba como manifestações culturais que representariam a nacionalidade brasileira (Lemos, 2014). É uma nota extensa, cuja citação se justifica pelo seu caráter reprodutor de estereótipos sobre a população negra no pós-abolição e pela produção cultural desenvolvida a partir das escolas de samba.

A polícia resolveu fechar a escola de samba “Deixa Malhar”. Não se conhecem os motivos da providência, mas o simples título da “escola” estava a exigir remédio pronto e enérgico. [...]

O fato de termos tido, à frente de importantes repartições culturais, sujeitos afeiçoados ao morro da Mangueira e outras eminências bulhentas da cidade foi que levou o samba ao galarim – fraudando outras músicas muito mais dignas de serem estimuladas pelo poder público. Durante muitos anos, era ponto obrigatório dos programas de recepção a viajantes ilustres levá-los a lugares escusos, onde viam pretos desocupados a desnalgarem-se em coreias pretensamente artísticas. Essa mania (que devia ter levado os autores à cadeia ou ao hospício) valeu-nos vários artigos de contrapropaganda do Brasil, nos quais nos apontavam como o país mais africanizado da América. Os exemplos não bastariam para curar-nos dessa tolice ridícula: fundamos escolas de samba, onde gastamos dinheiro que poderia ser empregado em tratamento de nossos escolares enfermos ou na fundação de verdadeiros centros de cultura. Que representa o samba na escala dos valores musicais do mundo? Que é ele, como índice das tendências psicológicas ou artísticas do povo brasileiro? Alguém o cultivava fora de certos morros cariocas onde se fixou como erva daninha e tenacíssima? O samba, o chapéu de palha e o cafezinho de tostão eram os companheiros habituais da malandragem erradia da nossa metrópole. O Brasil de hoje não admite desocupados, nem fábrica de toadas afro-analfabe [sic]. Estamos em período de guerra, em que não se pode perder tempo com tolices dispendiosas. É excelente o ensejo para se rever o “processo de samba” e liquidar, de vez, com a mania de erigir esse ritmo bárbaro em música representativa do Brasil. (*A Manhã*, 27/5/1943)

Para Berilo Neves, o samba seria um ritmo oriundo das senzalas e, por isso, uma manifestação que não seria capaz de representar a nacionalidade. Os membros das escolas de samba são assinalados como pessoas desocupadas, as quais produziram algo exótico que chamou atenção dos estrangeiros, mas que passa longe de muitas manifestações dignas, segundo ele, de serem representantes da nacionalidade. Também associa os negros moradores dos morros e os integrantes das escolas de samba à malandragem.

O jornal *A Manhã*, no qual Berilo Neves publicou sua nota, foi um periódico criado para a divulgação do regime do Estado Novo (*A Manhã*, s.d.). Dirigido por intelectuais que valorizavam a cultura erudita, não é de se estranhar que um de seus articulistas tenha saudado positivamente o fechamento da escola de samba Deixa Malhar. Sua posição em relação ao samba e às agremiações é o indício de que o processo de inserção dessas produções culturais não foi tão harmônico e unânime na sociedade.

Estereótipos da “malandragem” e do “afro-analfabetismo” são, para ele, características das populações negras que levaram à criação de um ritmo sem valor, que não representaria a brasilidade. Note-se que essa fala foi produzida na década de 1940, ainda considerando a legitimidade das práticas culturais advindas dos negros, encaradas como mostras de barbarismo. Era a produção cultural dos negros e pobres e, por isso, indigna de sair do espaço do morro e de ser representante “das tendências psicológicas ou artísticas do povo brasileiro”. O autor ainda aproveita para propor que se reveja o “processo do samba”, isto é, além de considerar tal produção indigna para representar a brasilidade – mesmo cerca de três décadas depois da primeira gravação oficial do ritmo e duas depois da fundação da primeira escola de samba –, entende que esse movimento não seria legítimo e, por isso, passível de ser liquidado como produção cultural.

Depois desse desfecho, a Deixa Malhar aparece relacionada à figura de Mano Eloy, como uma breve fase em sua trajetória, desconsiderando toda a ação irradiada pela agremiação em favor da história do samba, do carnaval das escolas de samba e de parte da história das agências negras dos morros da cidade, em direção à autorrepresentação e ao desenvolvimento social. Um silêncio que não foi quebrado por Mano Eloy durante as várias oportunidades em que esteve em evidência, nos meios de comunicação. Um silêncio que pode ter sido adotado por estratégia, para evitar perseguições à sua figura, mas que sugere as circunstâncias que levaram ao fechamento da Deixa Malhar como provavelmente violentas e cerceadoras.

Considerações finais

Compreendidas como formas de associativismo negro, as escolas de samba, fundadas por grupos predominantemente de negros dos morros, desenvolveram estratégias para a sua inserção, resistência e para sua ação como irradiadoras de projetos políticos como prática cultural nas festas carnavalescas da cidade do Rio de Janeiro. Esse foi um processo lento e

gradual, que sofreu resistência de outros grupos sociais e que teve, nas agências, determinadas pessoas que viram, nessa forma de lazer, o caminho para a inserção da população negra e pobre no pós-abolição.

Organizar e se apresentar publicamente, defendendo a prática cultural produzida por seu grupo, era uma forma de se fazer presente nas ruas, de reivindicar seu lugar social. Assim, no sentido de reivindicação de espaço social, as escolas de samba construíram discursos de posituação da identidade e promoveram ações que estavam nas pautas por cidadania da população negra, mestiça e pobre. Foi um caminho de contraposição às imagens distorcidas da população negra no pós-abolição. Assumir o papel de construção de discursos e símbolos de autorrepresentação consistia em estratégias de empoderamento identitário, que tiveram, como via, as sociabilidades estabelecidas pelas escolas de samba.

Podem-se perceber, diante dos episódios em que Mano Eloy esteve envolvido, algumas nuances dos projetos dos grupos que trabalharam ativamente na fundação e no desenvolvimento das escolas de samba como espaços culturais, com alcances políticos e sociais importantes para a população negra do pós-abolição. Assim, não só explicitam as expectativas de seus fundadores e associados com as agremiações, mas também nos levam a compreender sua percepção sobre as escolas de samba como espaços de construção e reivindicação de cidadania para a população negra no Rio de Janeiro.

Fontes

Fundação Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital

Periódicos: *A Manhã*, *O Imparcial*, *Jornal do Brasil*, *A Noite*, *O Jornal*, *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *Diário da Noite*

Referências

A MANHÃ. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, s.d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/manha-a-1941>. Acesso em: 10 nov. 2019.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra*

no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; GOMES, Flávio. *Abolição da escravidão: a igualdade que não veio*. *Blog do Arnoni*, 16 maio 2011. Disponível em: <https://blogdorosuca.files.wordpress.com/2011/05/abolic3a7c3a30-da-escravatura.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.

BARBOSA, A. T. S. P. *“A escola de samba tira o negro do local da informalidade”: agências e associativismos negros a partir da trajetória de Mano Eloy (1930-1940)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018.

_____. *Nasceu lá na serra uma linda flor: memórias sobre a fundação do Império Serrano*

- (1947-1952). Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2012.
- BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- BRASIL, Eric. *Carnavais atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição*. Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trinidad (1838-1920). Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Lumiar, 1996.
- _____. *As escolas de samba: o que, quem, como, quando e por quê*. Rio de Janeiro: Editora Fontana, 1974.
- CASTELUCCI, Aldrin A. S. *Trabalhadores, máquina política e eleições na Primeira República*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- CONFETE, Rubem. Rubem Confete: entrevista. Entrevistadora: Alessandra Tavares. 2016.
- _____. Rubem Confete: depoimento. Niterói: Labhoi (UFF), 2014.
- COSTA PINTO, L. A. *O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DOMINGUES, Petrônio. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 34, n. 67, p. 251-281, jun. 2014.
- _____. Lino Guedes: de filho de ex-escravo à “elite de cor”. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 41, p. 133-166, 2010.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: USP/FFLCH, 1964.
- FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados*. Rio de Janeiro: AGCRJ, 2001.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2000.
- GALVÃO, Olívia Maria Rodrigues. *A Sociedade de Resistência ou Companhia dos Pretos: um estudo de caso entre os arrumadores do porto do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 1994.
- IANNI, Octavio. *Raças e classes no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- JUVENTUDE BRASILEIRA. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, s.d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/juventude-brasileira-1>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- LEMOS, Aline de Castro. *Gênero e ciência na ficção científica de Berilo Neves*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- LIGA de Defesa Nacional. In: *Dossiê A Era Vargas: dos anos 20 a 1945*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, s.d. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenariioIndependencia/LigaDeDefesaNacional>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- MATTOS, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista (Brasil, séc. XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- MORAIS, Maria Eneida. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- PEREIRA, Juliana da Conceição. *Com que roupa? O associativismo recreativo e a questão da moralidade entre os trabalhadores do Rio de Janeiro da Primeira República*. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 411-423, 2015.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- _____. *Carnaval brasileiro: da origem europeia ao símbolo nacional*. *Ciência e Cultura*, Campinas, v. 39, n. 8, p. 717-729, 1987.
- _____. *Escolas de samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana*. *Ciência e Cultura*, Campinas, v. 36, n. 6, p. 892-909, 1984.
- RAMOS, Arthur. *O negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1971.

SILVA, Sormani da. *Escola de samba Deixa Malhar, batuques e outras sociabilidades no tempo de Mano Eloy na Chácara do Vintém entre 1934 e 1947*. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicorraciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2014.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da belle époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

VALENÇA, Rachel Teixeira; VALENÇA, Suetônio Soares. *Serra, Serrinha, Serrano: o império do samba*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.

Recebido em 1/5/2019

Aprovado em 30/11/2019